

Autor com mais de 150 milhões de livros vendidos

NICHOLAS  
SPARKS

e

M. NIGHT  
SHYAMALAN

Diretor de *O sexto sentido*

VESTÍGIOS

UMA HISTÓRIA DE AMOR SOBRENATURAL

*Para Theresa Park, que tem me  
acompanhado a cada passo do caminho*



## UM

Cape Cod em maio reacendia a esperança nos corações dos nova-iorquinos cansados do frio, com seus gramados viçosos e suas brisas oceânicas trazendo a promessa dos dias de verão. Enquanto baixava o vidro da janela do carro, inspirando o aroma de tudo que florescia, fiquei maravilhado ao pensar em como a vida na cidade parecia distante, com seus céus cinzentos e suas sarjetas alagadas. Ali, pelo menos, o inverno havia se recolhido fazia tempo e o sonho de dias mais lentos e ensolarados parecia ao alcance da mão.

Eu já havia visitado Cape algumas vezes, mas não aquela cidade específica. Heatherington era como uma prima menor e mais discreta da badalada cidade vizinha, Provincetown, e parecia se orgulhar de ostentar uma atmosfera dos anos 1950. Seguindo de carro pela rua principal, a Pleasant Street, observei as lojas pitorescas e sofisticadas que vendiam antiguidades, sorvete gourmet, brinquedos de madeira e pizza assada em forno de pedra. Vi pais empurrando carrinhos de bebê caros pelas calçadas de tijolos e turistas de passagem entrando e saindo das lojas. Sob um grande relógio à moda antiga, uma dupla de velhotes de boné batia papo em um banco de madeira. Quando parei em um cruzamento para que alguns músicos carregando violões nas costas atravessassem, notei uma farmácia em estilo retrô e uma lanchonete de esquina; lá dentro, havia um grupo de adolescentes sentado ao balcão, bebericando milk-shakes com canudos longos.

Sorri, achando a cena quase perfeita demais para ser real. Mas, pensando

bem, fazia sentido que meu melhor amigo, Oscar, filho de imigrantes donos de uma rotisseria em Boston, buscasse um pedacinho do mítico sonho americano. Quando o trânsito voltou a fluir, vislumbrei casas coloniais bem conservadas e construções de madeira com cercas de estacas brancas nas ruas transversais de ambos os lados. Heatherington *era* pitoresca, eu tinha que admitir. Como se aproveitassem a deixa, as nuvens se dissiparam de repente, revelando um céu azul tão intenso que me fez semicerrar os olhos para protegê-los da claridade.

Era segunda-feira, o começo típico de uma semana de trabalho, e eu estava na cidade para ajudar Oscar e sua esposa, Lorena, a projetar e construir sua casa de veraneio. Até o momento, no entanto, eu tinha visto apenas fotos do terreno que eles haviam comprado. Estava empolgado para descobrir o que eles tinham em mente, pois aquela seria nossa primeira conversa concreta sobre o projeto. Seguindo as instruções que eles haviam me passado, atento ao GPS, saí da Pleasant Street em direção ao futuro local da casa, onde tínhamos combinado de nos encontrar. Na periferia da cidade, passei por uma zona ampla que abrigaria um grande evento, com palcos em várias etapas de montagem. Caminhonetes empoeiradas lotavam o estacionamento de cascalho e montadores trabalhavam ao longe. A atividade era frenética em preparação para o festival Mask and Music, que aconteceria no fim de semana do Memorial Day, no final do mês. Eu tinha ouvido falar do festival enquanto tentava, sem sucesso, encontrar um lugar para ficar na cidade. Acabara tendo que pedir ajuda a Oscar para achar alguma hospedagem. Aparentemente, quarenta ou cinquenta bandas viriam e esperava-se um público de até vinte mil pessoas. Eu tinha perguntado que tipo de música tocariam, mas Oscar havia apenas bufado com desdém. “Como vou saber? Provavelmente essas bandas esquisitas que a geração Z adora.”

Poucos minutos depois, saí da estrada e subi por um caminho gramado que supus que daria em uma falésia com vista para o mar. Dirigi lentamente, seguindo as marcas deixadas por veículos anteriores. Meu Aston Martin sacolejava e derrapava à medida que a grama dava lugar à terra batida. De ambos os lados, bétulas, olmos e bordos se arqueavam, formando uma abóbada que me deu cobertura até eu sair em uma clareira no topo.

O cume era plano e relvado, cercado por um anel de carvalhos majesto-

sos, com vista panorâmica para um oceano da cor de safiras escuras. Havia borboletas sobrevoando um pequeno aglomerado de dentes-de-leão e o ar salgado evocava minhas próprias lembranças de verões na praia. Acima do som do motor, eu ouvia o canto vibrante dos pássaros nas árvores e, quando olhei para cima, notei um gavião-de-cooper voando em círculos no céu. Fiquei surpreso por aquele terreno ter escapado da especulação imobiliária.

Logo me vi diante de uma estrutura de madeira imponente: um parque do tamanho de uma cidade, que parecia ter caído do céu. Era repleto de balanços, barras, tanques de areia, vários escorregadores e um forte coroado por um toldo colorido. Todos os cinco filhos de Oscar brincavam animados enquanto ele e Lorena assistiam de uma mesa de piquenique próxima. Como sempre, Oscar usava uma camisa de time de futebol americano no estilo clássico do início dos anos 1960; aquela era do Cleveland Browns.

Pouco depois de se formar na NYU, Oscar conseguira financiamento para adquirir os direitos de franquia das ligas esportivas NFL, NBA, NHL e MLB com o objetivo de fabricar e vender produtos licenciados. A ideia dele era colocar nomes e números de jogadores atuais em camisas de modelo vintage. Ele era meticuloso quanto ao design e à qualidade das peças, garantindo que cada uma fosse extremamente macia e tivesse uma aparência devidamente “desgastada”. Também tinha um excelente tino comercial para a parte de divulgação e marketing nas redes sociais. Embora as camisas tivessem feito sucesso desde o início, as vendas haviam explodido de verdade quando um rapper famoso começara a usá-las em seus shows, fazendo com que influenciadores do mundo da moda postassem sobre elas regularmente. Com o passar do tempo, investidores de capital privado foram se interessando e Oscar vendera a empresa por quase um bilhão de dólares. Era o exemplo perfeito de uma história de sucesso. Os pais dele, que eu considerava quase meus pais adotivos, mal conseguiam conter o orgulho e vestiam camisas de time combinando sempre que saíam, gabando-se do sucesso do filho para os inúmeros parentes que tinham nos Estados Unidos e na Índia. Oscar dava corda para os pais, mas o dinheiro não o havia mudado como pessoa, e o mesmo poderia ser dito de Lorena.

Estacionei ao lado do par de Cadillac Escalades do casal, que faziam

meu carro parecer de brinquedo, e Oscar veio me receber de braços abertos. Como o restante de sua família, ele adorava abraçar as pessoas. Eu tinha certeza de que aquilo incluía todo mundo: caixas de mercado, o cara que limpava sua piscina e até fiscais do imposto de renda. Retribuí o abraço; afinal, fazia tempo que eu tinha deixado de lado qualquer resistência ao afeto típica de um branco, anglo-saxão e protestante. Ele me deu um tapinha nas costas antes de nos separarmos.

– Que bom que consegui vir – disse ele com um sorriso largo. – O que acha?

– É incrível – admiti. – Até melhor do que as fotos que você enviou.

Oscar olhou em volta com um vago ar de encantamento.

– Nem acredito que consegui fechar esse negócio. O comprador concorrente no leilão era um daqueles gestores de fundos de investimento, e você sabe como esses caras detestam perder. – Ele indicou a mesa de piquenique com a cabeça. – Vamos lá. A Lorena não para de perguntar de você.

Enquanto nos aproximávamos, eu apontei a cabeça para os brinquedos.

– Qual é a desse parquinho?

– Mandei instalar na semana passada. Achei que seria bom para manter as crianças ocupadas durante nossas visitas para conferir o andamento da obra.

– Quantos anos elas têm agora, mesmo?

– O Leo tem 7. A Lalita e a Lakshmi têm 6. O Logesh tem 5 e o Luca acabou de fazer 4. São muitos Ls, eu sei. Mas o lado bom é que eu posso dizer coisas como: “L, limpa aquilo lá!”, “Guarda os brinquedos, L!”, “L, lava a louça!”

– Aposto que a Lorena adora isso.

– Não exatamente. – Ele soltou uma risadinha. – Mas a ideia de todos os nomes começarem com L foi dela, e as crianças acham hilário.

Àquela altura, Lorena já tinha se levantado. Ela balançou a cabeça para afastar dos olhos a franja preta e veio correndo ao nosso encontro. Um verdadeiro dínamo ítalo-americano, Lorena era uma mulher gregária, com uma força e um vigor inabaláveis com os quais nem mesmo Oscar conseguia competir. Como o marido, gostava de abraços, e o dela era como o aconchego de um edredom de penas de ganso. Quando nos separamos, ela segurou minhas mãos.

– Como você está? – perguntou ela, os olhos castanhos expressivos analisando meu rosto. – Estava tão preocupada com você...

– Estou melhor – respondi, abrindo um sorriso na esperança de tranquilizá-la.

– Recebeu os presentes que eu enviei?

Por volta da metade da minha estadia recente na clínica, eu tinha recebido uma cesta enorme com petiscos, barras de chocolate e balas de frutas, além de um pinguim de pelúcia de tamanho considerável. Por algum motivo, talvez por eu ter comentado certa vez que adorei o documentário *A marcha dos pinguins*, Lorena achava que eu gostava especialmente de pinguins-imperadores, e eu nunca tinha me dado ao trabalho de corrigi-la.

– Recebi, sim. Obrigado. Espero que não se importe por eu ter dividido aquelas maravilhas com alguns dos outros pacientes.

– Claro que não – disse ela, enfim largando minhas mãos para me avaliar.

– Você parece bem. Mais... descansado do que da última vez que nos vimos.

– Eu me sinto mais descansado – concordei. – Como estão as crianças?

– Aprontando, como sempre. – Ela suspirou, acenando na direção do parquinho com um sorriso resignado. – Eu nunca devia ter deixado o Oscar me convencer a ter um quinto. Quando o Luca nasceu, todos os limites e todas as regras já tinham ido pelos ares. Ele se safa de tudo e mais um pouco.

Ela riu, bem-humorada. Quando conhecera Oscar, os dois estudavam na NYU e Lorena cursava economia. Ela o ajudara a construir o negócio, pelo menos até o nascimento das gêmeas, quando se afastara para cuidar delas e dos filhos que viriam depois. A casa da família era bagunçada e ruidosa, como a de Oscar fora um dia, com um zumbido constante de energia vibrando pelas paredes e pelos corredores. Mesmo assim, Lorena tirava aquele caos de letra. Nunca a vi esgotada ou sem paciência.

– Quanto tempo você vai poder ficar? – perguntei a ela.

– Só até sexta à noite. As crianças têm recitais e provas na semana que vem. Mas, assim que entrarem de férias, vamos passar o resto do verão aqui.

– L, larga o L! – gritou Oscar, e eu não pude deixar de sorrir quando Lorena revirou os olhos. – Esperem aqui.

Oscar marchou em direção ao parquinho. Leo estava dando uma chave de braço em Logesh, mas ainda tentava se fazer de inocente, torcendo para que Oscar estivesse gritando com outra criança.

– Não sei como vocês conseguem – comentei. – Sempre fico impressionado.

– O quê? Criar filhos? A babá ajuda, mas, sinceramente, não é diferente de cuidar da Paulie. É só colocar tigelas de comida e água pela manhã, montar uma caixa de areia e podemos nos esquecer deles pelo resto do dia.

Eu sorri.

– Obrigado por cuidar dela enquanto eu estava na clínica. Cadê ela?

– Ainda no meu carro, na caixinha de transporte. É aquele ali, do lado do seu. Não se preocupe, deixei as janelas abertas, mas não sabia como ela reagiria se a trouxesse para fora. Sei que ela é uma gata de apartamento.

– Ela é mesmo – confirmei. – Tirando as idas ao veterinário e a estadia com vocês, ela nunca saiu de casa. Como ela se comportou?

– Demorou uns dias para sair da toca, mas, depois disso, ficou muito carinhosa e feliz, a não ser quando os pequenos saíam correndo pela casa atrás dela. Ela passava muito tempo na parte de trás do sofá, perto da janela, onde eles não conseguiam alcançá-la. Mas, à noite, depois que as crianças iam dormir, ela se aconchegava no meu colo.

– Parece que ela gostou de você.

– Sempre me considereei uma entusiasta de cachorros, mas ela me fez mudar de ideia totalmente – declarou Lorena. – Desculpe, mas preciso perguntar: por que o nome dela é Paulie?

– Como assim?

– Ela é menina, e Paulie é nome de menino.

– É que eu adorava o filme *Rocky* quando era pequeno.

– Então por que não Adrian?

– Porque achei que tinha cara de Paulie.

Lorena riu. Naquele meio-tempo, Leo já havia soltado Logesh, que continuava a esfregar o pescoço enquanto Oscar se juntava a nós novamente.

– Ele disse que estava tentando mostrar ao Logesh o que fazer se os valentões se metessem com ele – explicou Oscar.

– E você disse a ele que, em vez de dar uma chave de braço no colega, ele deveria contar a um professor ou falar conosco, certo? – perguntou Lorena.

– Claro – disse Oscar, assentindo enfaticamente. – É claro que sim.

Ela o fitou com ceticismo e então pigarreou, voltando-se para mim.

– Sei que você e o Oscar precisam colocar a conversa em dia, então vou

levar as crianças até a cidade para comer alguma coisa. Elas já devem estar famintas. O que querem que eu traga para vocês?

– Uma salada com frango grelhado seria ótimo, obrigado – respondi.

– Mas pode ser qualquer coisa, sei que você vai estar bastante ocupada – completei em tom de desculpas, indicando o parquinho com a cabeça.

– Pode me trazer um cheeseburger duplo com anéis de cebola? – pediu Oscar, com o olhar esperançoso. – E um milk-shake de chocolate?

Lorena ergueu uma sobrancelha, achando graça.

– Hã, claro... duas saladas com frango grelhado, no capricho.

– Mas, meu bem, eu estou com fome...

– Então também vou trazer uma maçã. – Ela se virou para o parquinho.

– Crianças? – gritou ela. – Vamos almoçar!

As crianças a ignoraram.

– Hora do rango, seu bando de Ls! Para o carro da mamãe agora mesmo! – berrou Oscar.

Com alguma relutância, eles desceram dos brinquedos e trotaram devagar em direção ao carro de Lorena. Os adultos foram em seguida e Oscar abriu a mala para pegar a caixinha de transporte e me entregar. Olhei para Paulie lá dentro, que me encarou de volta com os olhos arregalados e cansados.

Enquanto Oscar e Lorena ajudavam as crianças a se acomodarem, pois algumas ainda usavam cadeirinhas, levei a caixa de transporte para o meu carro. Enfiando os dedos pela grade, sussurrei um “olá” para Paulie, mas ela ainda estava nervosa demais, ou desorientada por conta da viagem, para se aproximar. Eu a deixei sossegada e, depois de baixar os vidros das janelas, peguei meu laptop, um caderno e uma caneta na mochila. Lorena acenou para nós enquanto saía de ré pela rampa de acesso.

Assim que sentamos à mesa de piquenique, Oscar se inclinou para perto de mim.

– Beleza, agora que finalmente temos alguma paz, me conte sobre as suas últimas duas semanas na clínica. Preciso comentar que aquele lugar parecia mais um country club ou um pequeno campus de faculdade do que uma clínica psiquiátrica.

– Correu tudo bem – contei, dando de ombros. – E, sim, as acomodações eram bem luxuosas, mas não eram só um monte de tratamentos de spa.

Embora tivéssemos conversado ao telefone algumas vezes durante a mi-

nha estadia, eu descrevi o programa de tratamento para ele outra vez, em poucas palavras. Baseava-se na TCD, ou terapia comportamental dialética, que dava mais importância aos comportamentos do que aos sentimentos ou às emoções, considerados transitórios.

– Entendi. – Oscar assentiu. – Mas a comida era mesmo tão boa quanto você disse? – insistiu ele.

– Era. Nos fins de semana, se o tempo estivesse bom, fazíamos até churrasco.

– Parece *The White Lotus*, mas com terapia.

– Não é um lugar ruim – admiti. – Mas também pude explorar alguns aspectos da minha vida que passei bastante tempo tentando ignorar.

– Está falando da sua infância de Riquinho Rico com pais malucos ferendo com a sua cabeça? – brincou Oscar.

– Mais ou menos isso.

Oscar entrelaçou as mãos diante de si e me analisou, tornando a ficar sério.

– Prometa que vai me ligar se sentir aquela escuridão ameaçando tomar conta de você outra vez, Tate. – Ele desviou o olhar por um instante, então me encarou com uma expressão solene. – Fiquei preocupado.

Assenti, comovido pelas palavras. Ficamos em silêncio por um momento diante da lembrança daqueles dias terríveis. Mas Oscar logo assumiu uma expressão travessa novamente. Ele se aproximou com uma faísca de curiosidade nos olhos.

– Eles ajudaram você a decodificar aquelas bombas que a sua irmã largou logo antes de morrer?

Lembrando-me do que ela me dissera, dei de ombros outra vez.

– Os médicos disseram que a Sylvia provavelmente teve complicações neurológicas à medida que seus órgãos entravam em falência.

– Mas você acreditou nela? – pressionou Oscar.

Eu hesitei, escolhendo as palavras com cuidado.

– A Sylvia nunca mentiu para mim, logo ela acreditava em tudo que falou. Mas vamos conversar melhor sobre isso outra hora. Afinal – concluí, abrindo meu caderno –, temos uma casa para projetar.



## DOIS

Perdi minha irmã, Sylvia, cerca de um ano antes daquela viagem a Heatherington. Depois que ela morreu, me vi caindo em uma depressão paralisante que acabou me impedindo de sair da cama por semanas a fio, atender a telefonemas, responder a e-mails e até tomar banho. Minha única boia salva-vidas durante aquele período sombrio era Paulie; embora negligenciasse todo o resto na minha vida, eu conseguia, de alguma forma, mantê-la viva. Quando Oscar finalmente bateu à porta do meu apartamento e me convenceu a me internar em uma clínica psiquiátrica, ele prometeu que cuidaria da gata durante a minha estadia. Por isso, e por muito mais, serei sempre grato a ele.

Cheguei à clínica durante uma nevasca de fim de janeiro que já durava três dias seguidos e cobria toda a paisagem de branco. Enquanto eu olhava pela janela do meu quarto para as áreas externas do lugar, lembro-me de ter me perguntado para onde iam os pássaros durante nevascas daquele tipo – e de ter pensado que Sylvia saberia a resposta.

Cinco anos mais velha do que eu e com uma sintonia extraordinária com a natureza, Sylvia amava a beleza e a vida em todas as suas formas, talvez porque, quando criança, tanto daquilo lhe tivesse sido negado. No início da infância, ela contraíra um vírus que deixara sequelas em seu coração e, embora fosse tratada pelos melhores especialistas do país, passara boa parte dos primeiros anos de vida confinada em nossa casa na Quinta Avenida, educada por professores particulares. Em seu tempo livre, ela buscava

refúgio em livros de romance ou fantasia e ficava olhando pela janela do quarto, observando com melancolia as pessoas no Central Park. O anseio em seu rosto enquanto acompanhava famílias, casais e turistas relaxando na grama partia meu coração. Ainda assim, ela conseguia enxergar o mundo de um jeito que, para mim, parecia impossível. Para ela, o mundo era uma fonte inesgotável de mistérios e maravilhas. Quando eu era criança, ela me mostrava pequenos milagres do cotidiano que chamavam sua atenção: os caminhos de poeira na janela depois que as gotas de chuva secavam, por exemplo, ou a simetria complexa de uma teia de aranha. Ela dizia que, se eu estivesse realmente disposto a *ver* o mundo, e não apenas olhar para ele, talvez também conseguisse sentir aquela transcendência, seja lá o que aquilo significasse.

Meu psiquiatra, o Dr. Rollins, sempre dizia que Sylvia teria ficado orgulhosa por eu ter buscado a ajuda de que precisava. Não tenho dúvidas de que ele tinha razão. Era uma clínica cara, com uma reputação excelente, localizada na zona rural exuberante de Connecticut. Ao longo da minha estadia de quatro meses, eu tinha três consultas por semana com ele, além das sessões de terapia em grupo e de desenvolvimento de habilidades emocionais. A maior parte dos pacientes estava lutando contra alguma dependência, mas eu e alguns outros tínhamos nos internado voluntariamente, sabendo que poderíamos ir embora a qualquer momento. Já posso dizer com alívio que não me sinto mais vivendo em um túnel escuro, embora ainda me pergunte às vezes se estou mesmo curado.

Eu ainda sou eu, afinal: Tate Donovan, um arquiteto de 38 anos que perdeu sua única família de verdade com a morte da irmã. Depois de tudo o que aconteceu e de vários meses de ausência física e emocional, finalmente permiti que meus sócios em uma das principais firmas de arquitetura de Nova York comprassem minha cota na empresa. Assim, pela primeira vez na minha vida adulta, me vi totalmente sem rumo, sozinho e inseguro em relação ao meu futuro.

Se você falasse com meus pais, eles provavelmente não se mostrariam muito surpresos com minha situação. Por outro lado, nada do que fiz na vida pareceu agradá-los. Enfrentei negligência e falta de amor quando era criança, mas o Dr. Rollins me ajudou a entender que eu não precisava deixar que aqueles sentimentos me definissem para sempre. Mesmo assim,

até ele admitia que minha infância tinha sido incomum, considerando as circunstâncias.

Na época, meu pai era CEO de um conglomerado que lucrava em várias frentes: mineração, agronegócio, indústria farmacêutica, petróleo e gás natural, engenharia aeroespacial. Embora eu ainda seja um dos principais acionistas, nunca prestei muita atenção nos negócios; no máximo, dava uma olhada nos relatórios mensais quando chegavam à minha caixa de entrada. A empresa tinha sido criada pelo meu bisavô, expandida pelo meu avô e transformada em um império pelo meu pai. Eles eram os verdadeiros empreendedores daquele lado da família, pelo menos no que dizia respeito à construção de patrimônio geracional. Já minha mãe era uma mulher romena de beleza extraordinária, fluente em várias línguas, e já tinha aparecido em muitas capas de revista. Quando conheceu meu pai, trabalhava como modelo, e suspeito que só tenham tido filhos porque, no meio em que viviam, esperava-se que pessoas naquela posição social deixassem herdeiros. Mas é só um palpite, nunca tive como saber ao certo.

O que eu sei é o seguinte: nós morávamos em uma cobertura no Upper East Side de Nova York, mas meu pai quase nunca ficava em casa. Ele viajava muito, geralmente a negócios, mas outras vezes – como eu viria a descobrir – para aproveitar a companhia de suas várias amantes. Minha mãe começou a beber todos os dias depois da ginástica matinal, a beliscar suas saladas em vez de comê-las e a passar várias noites em eventos de caridade. Minha irmã e eu fomos criados por babás, integrantes de uma equipe que contava com governantas, assistentes, um chef e até uma senhora que aparecia duas vezes por semana para embrulhar presentes. Eu era levado aos lugares de carro com chofer, voava em jatinhos particulares e, como Sylvia, tinha aulas com tutores, isolado das outras crianças da minha idade. Passávamos os verões em uma mansão de frente para o mar nos Hamptons. Lá, a cada duas noites, meus pais davam festas, mas eu e minha irmã éramos proibidos de ir. Ficávamos assistindo a filmes no andar de cima ou sentados na praia enquanto convidados bêbados se esbaldavam à beira da piscina. Nas raras noites em que nós quatro estávamos juntos em casa, eu tinha a sensação de que meus pais sempre ficavam perplexos quando olhavam para Sylvia e para mim, sem saber bem quem éramos ou de onde tínhamos saído.

Meus pais, no entanto, tinham uma qualidade: eles sabiam o valor de uma boa educação, o que explicava a sucessão inesgotável de tutores muito bem remunerados. Depois de uma cirurgia que melhorou sua saúde, Sylvia finalmente teve permissão para se matricular na Brearley, uma escola de elite só para meninas a poucos quarteirões de casa. Poucos anos depois, quando completei 12, fui mandado para a Exeter.

Meus anos no internato tiveram um impacto profundo em mim. Embora sentisse falta da minha irmã, a vida no dormitório e a distância dos meus pais finalmente me deram a chance de fazer amigos. Com o tempo, aprendi a arte de jogar conversa fora e de engatar papos casuais, mesmo que, no fundo, continuasse reservado. Mais autoconfiante, entrei para as equipes de futebol e lacrosse; meu talento atlético natural bastou para que eu conseguisse aprender esportes que não havia praticado na infância. Além disso, me destaquei em matemática e descobri uma aptidão para o desenho. Tive até alguma sorte com as garotas e acabei namorando Carly, uma menina bonita de Newport, Rhode Island, durante a maior parte do meu último ano. Mais importante ainda foi conhecer um bolsista chamado Oscar, que se tornaria meu melhor amigo. Seus pais eram imigrantes do Sul Asiático e, de vez em quando, ele me levava para passar o fim de semana com sua família numerosa e cheia de vida em Dorchester. Todos faziam piadas e falavam ao mesmo tempo, entre gargalhadas. Quando me juntava aos nove à mesa para o jantar, observando-os pegar bandejas de comidas com um cheiro delicioso enquanto contavam histórias pitorescas, eu não conseguia evitar a sensação de ter aterrissado de repente em outro planeta. Foi Oscar quem me mostrou o significado da amizade e, com ele, assim como com minha irmã, eu podia baixar a guarda e ser eu mesmo.

Como eu quase nunca via meus pais – até me formar em Yale, só ia para casa nos verões e nos feriados –, eles continuavam a ser praticamente estranhos para mim. Ainda assim, lembro que, no tumulto da minha formatura do ensino médio, meu pai me puxou de lado para dizer que queria que eu seguisse seus passos e cursasse administração na universidade. Perplexo, apenas o encarei em silêncio, depois fingi ter visto um amigo na multidão e escapei. Seguindo minhas próprias inclinações e desafiando abertamente meus pais pela primeira vez na vida, decidi cursar arquitetura. No verão seguinte à entrega do meu diploma, me mudei sozinho para um aparta-

mento em Nova York e comecei a trabalhar como um mero projetista em uma firma de arquitetura do Upper East Side. Poucos anos depois, voltei à universidade para fazer um mestrado e acabei me tornando sócio daquela mesma firma, atraindo clientes novos-ricos que queriam construir suas casas dos sonhos.

Naquele meio-tempo, Sylvia fez faculdade em Nova York, na New School, e se formou em ciências ambientais. Estava trabalhando em uma ONG e morando no East Village quando conheceu um homem chamado Mike por meio de amigos em comum e se apaixonou. Meu pai insistiu que eles assinassem um acordo pré-nupcial, afinal Mike era um mero professor de música em uma escola preparatória de elite perto da casa dos nossos pais, tão pobre quanto nós éramos ricos. Mas estava claro que Sylvia e Mike realmente se amavam. Depois que o jatinho dos nossos pais despencou no oceano Atlântico, quando eu tinha 29 anos, Mike amparou minha irmã enquanto ela chorava no funeral e a apoiou com paciência e compreensão durante todo o processo de luto. Ele era, e continua sendo, um homem genuinamente bom.

A morte deles foi um golpe mais duro para Sylvia do que para mim, mas, pensando bem, minha irmã nunca se sentiu rejeitada ou mal-amada por eles. Minhas sessões com o Dr. Rollins me ajudaram a aceitar a ideia de que talvez tenham agido de forma diferente com ela por conta da doença; de que a negligência que eu sentia pode ter sido, ao menos em parte, consequência do foco intenso nela. Mesmo assim, no fundo, ainda acredito que a bondade inata de Sylvia afetava sua percepção. Ela era mais compassiva do que eu, mais inclinada a perdoar e a esperar o melhor das pessoas. Ao contrário de mim, Sylvia acreditava em Deus e em mistérios ocultos, incluindo a existência de fantasmas e de vida após a morte.

Só muito mais tarde fui entender como aquelas crenças eram profundas.



## TRÊS

**A** mesa de piquenique, abri meu caderno na primeira página.

– Você e Lorena já discutiram em termos gerais o que querem, certo?

– Mais ou menos. Sempre sonhamos em ter uma casa de veraneio, e as crianças adoram a praia.

Eu inclinei a cabeça.

– Vocês têm algum estilo em mente? Algo tradicional de Cape Cod? Ou mais moderno?

– Estávamos esperando para ver o que você iria recomendar.

Eu assenti, sem me abalar. Vários dos meus clientes anteriores – todos muito bem-sucedidos em vários aspectos – tinham sentido dificuldade na etapa conceitual do processo. O desafio costumava estar relacionado ao desejo que tinham de construir algo melhor, diferente e mais chamativo do que as casas dos vizinhos igualmente ricos, mas eu sabia que Oscar e Lorena não pensavam daquela forma. Não estavam interessados em construir um símbolo de status, mas sim uma casa que lhes parecesse verdadeiramente um lar.

– Prefere esperar a Lorena voltar para discutir os pormenores?

– Não, ela não vai se importar.

– Está bem. Antes de começarmos, eu queria agradecer a vocês.

Oscar pareceu confuso.

– Pelo quê?

– Pela oportunidade de projetar e supervisionar a construção dessa casa.

– Tate...

Ergui a mão para interrompê-lo.

– Sei que vocês me contrataram para este projeto porque acharam que eu precisava de algo concreto para me reerguer, especialmente depois que deixei a firma. E estou bem melhor agora, em grande parte graças a vocês. Estou animado para começar a trabalhar por conta própria. – Eu o encarei com firmeza. – Mas quero que saibam que estou determinado a construir a casa mais bonita que você e Lorena possam imaginar.

Oscar sorriu.

– E eu sei que vai conseguir.

• • •

Nós acertamos o básico do projeto – entre outras coisas, Oscar achava que eles precisariam de doze quartos para acomodar não só as crianças, mas os familiares e amigos que pretendiam receber. Depois, fomos andando até a falésia. O sol tinha começado a aquecer o ar, tornando a brisa marinha quase morna. O gavião continuava a rondar o céu, nos acompanhando enquanto atravessávamos a propriedade. À beira da falésia, uma inclinação suave levava até a praia.

– A propriedade vai até a metade da descida – explicou Oscar, apontando para aquela área. – Dali em diante, é terreno público até a praia. Mas, como pode ver, a única maneira de chegar é de barco. E a vista é inigualável.

– Você vai adorar este lugar.

– É parecido com o local da sua casa nos Hamptons? – perguntou ele, referindo-se à propriedade que eu tinha herdado dos meus pais.

– Não, mas é tão bonito quanto.

Enquanto observava o ritmo das ondas lá embaixo, notei um movimento à minha esquerda, perto do meu carro: uma cintilação familiar, no extremo da minha visão periférica.

Aquelas “visões” cintilantes, chamadas de oscilopsia periférica, tinham começado pouco depois da morte da minha irmã. Eu havia sido examinado por neurologistas do Hospital Presbiteriano de Nova York para descartar a hipótese de defeitos congênitos, doenças ou lesões não relacionadas à minha depressão. Depois de todos os exames imagináveis, incluindo os

mais caros e demorados, eles tinham concluído que não havia nada de errado comigo fisicamente. A teoria – que viria a ser a mesma do Dr. Rollins mais tarde – era que se tratava de um sintoma de estresse associado à perda da minha irmã e que aquelas ocorrências diminuiriam com o tempo.

Mas não diminuíram. Naquele momento, à medida que a crise de oscilopsia continuava, comecei a sentir uma tensão repentina no pescoço e nos ombros. *Não*, pensei, *de novo, não*. Tentei lembrar a mim mesmo que não havia nada à minha esquerda. E, mesmo assim...

O movimento ficou mais intenso, como se insistisse que eu determinasse de onde ele vinha. Incapaz de resistir e sabendo que só havia uma maneira de me livrar daquelas cintilações, finalmente me virei para procurar uma possível causa. Um galho balançando, por exemplo, ou alguém que tivesse se perdido durante uma trilha, ou até mesmo um esquilo saltando pelo chão. Mas estava tudo perfeitamente imóvel.

– Está tudo bem, Tate? – perguntou Oscar, cortando meus pensamentos. – Você ficou pálido de repente.

– Estou bem – menti, forçando um sorriso.

Quando voltei a olhar para o mar, porém, a cintilação ressurgiu, trazendo junto uma sensação persistente de incômodo. Tentei ignorá-la, mas novamente acabei me virando na esperança de interromper o movimento, e novamente não vi nada. Oscar acompanhou meu olhar e depois me encarou.

– Está vendo alguma coisa? – indagou ele, franzindo as sobrancelhas com preocupação. – Aquela cintilação de que tinha falado?

– Deve ser só o cansaço da viagem – respondi, evitando a pergunta. – Com certeza vou me sentir melhor depois de um cochilo.

## CONHEÇA OS LIVROS DE NICHOLAS SPARKS

O melhor de mim  
O casamento  
À primeira vista  
Uma curva na estrada  
O guardião  
Uma longa jornada  
Uma carta de amor  
O resgate  
O milagre  
Noites de tormenta  
A escolha  
No seu olhar  
Um porto seguro  
Diário de uma paixão  
Dois a dois  
Querido John  
Um homem de sorte  
Almas gêmeas  
Um amor para recordar  
A última música  
O retorno  
O desejo  
Primavera dos sonhos  
Contando milagres  
Vestígios (com M. Night Shyamalan)



Este e outros títulos do nosso catálogo estão disponíveis em audiolivro.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

